



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i2>

O Êxodo da mulher cananeaia

The Exodus of the Canaanite woman

Tiago Samuel Lopes de Carvalho*

Resumo

O presente artigo apresenta uma releitura do drama vivido por uma mãe que ultrapassou todas as barreiras sociais e espirituais impostas para alcançar, em Jesus, o milagre para sua filha que vivia oprimida por um demônio. Depois de ter ultrapassado as barreiras: geográfica, política, econômica, étnica e religiosa, a mulher cananeaia ainda teve que quebrar as barreiras de gênero para chegar até Jesus. Por fim, chegando desesperadamente até Jesus, implorou-lhe por um milagre, *mas ele não lhe respondeu palavra*. Recepcionada pelo silêncio de Jesus e sua “aparente” insensibilidade, a mulher ainda teve de suportar o preconceito dos discípulos e uma palavra “aparentemente” particularista de Jesus. Contudo, de joelhos ela demonstrou fé e debateu com Jesus de maneira sábia e inteligente conquistando, por fim, a sua vitória. Esse texto é mais que um relato de milagre, pois Mateus o preservou para mostrar o posicionamento de Cristo e dos apóstolos para com os gentios e, em especial, para com a mulher. Dessa forma, a partir de uma revisão bibliográfica, o objetivo é mostrar como o texto ressignificava o lugar dos gentios dentro da comunidade cristã, dando igualmente um novo lugar para a mulher na comunidade da fé. Pois a pergunta final é: “diante de todo o preconceito alimentado contra a mulher no mundo da época de Jesus, qual foi a atitude de Jesus para com as mulheres em seu ministério?”

Palavras-chave

Mulher. Gênero. Preconceito. Exegese. Mulher cananeaia.

Abstract

This article presents a rereading of the drama lived out by a mother who passed through all the social and spiritual barriers imposed on her in order to attain, in Jesus, the miracle for her daughter who lived oppressed by a demon. After having passed over all the barriers: geographic, political, economic, ethnic and religious, the Canaanite woman still had to break the gender barriers to reach Jesus. Finally, arriving desperately to Jesus, she implored for a miracle, *but he did not answer a word*. Received by the silence

[Texto recebido em março de 2017 e aceito em junho de 2017, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

- * Doutorando em Teologia (Faculdades EST). Mestre e Pós-Graduado em Teologia (Faculdades EST). Pós-Graduado em Linguística (UCB). Graduado em Teologia (FEB). Licenciado em Letras (Centro Universitário UniEuro). Pesquisador em Bíblia e Professor Universitário. E-mail: tiagosamuel@hotmail.com

of Jesus and his „apparent“ insensitivity, the woman still had to support the prejudice of the disciples and an „apparently“ particularist word from Jesus. However, on her knees she demonstrated faith and debated with Jesus in a wise and intelligent way finally conquering victory. This text is more than a report of a miracle, since Matthew preserved it to show Christ’s position and that of the apostles with the Gentiles, and especially with the woman. In this way, based on bibliographic review, the goal is to show how the text resignifies the place of the Gentiles within the Christian community, equally giving a new place to the woman in the community of faith. Since the final question is: „faced with all the cultivated prejudice against the woman in the world of Jesus’ time, what was Jesus’ attitude toward women in his ministry?“.

Keywords

Woman. Gender. Prejudice. Exegesis. Canaanite woman.

Introdução

A mulher cananeia é uma das mulheres mais conhecidas do Novo Testamento. Isso não por causa de seu nome, como Maria e outras mulheres importantes, mas por sua fé. A história da mulher cananeia, narrada pelos evangelistas Mateus e Marcos, contém ensinamentos importantes para a fé cristã. Retrata não apenas uma história de milagre, mas também uma história de fé e persistência. Em Mateus, a perícopete tem sua unidade no capítulo 15.21-28. A perícopete anterior trata de outro assunto: a discussão entre Jesus e os fariseus sobre as leis de pureza e impureza (15.12-20). No evangelho de Marcos (7.24-30), texto que foi provavelmente escrito primeiro que Mateus, a perícopete sobre a mulher cananeia também tem o mesmo contexto literário, ou seja, é também antecedido pela discussão sobre a pureza e impureza. Mateus decidiu manter esse contexto literário, o que, além de moldura, é também um indício sobre a intenção do autor com o texto.

O gênero textual, também muito importante para identificação da função do texto em sua origem, é predominantemente um diálogo. Apesar de conter um relato de expulsão de demônios, o gênero não é, a princípio, o de exorcismo, mas sim um diálogo.¹ O diálogo gira em torno do pedido que aquela mãe faz para a cura de sua filha. A pergunta, portanto, é: ela alcançará seu objetivo? As dádivas salvíficas de Jesus são também para ela, para os gentios? Ou é um privilégio apenas das ovelhas perdidas da casa de Israel? Nitidamente o diálogo trata também do lugar dos gentios – impuros segundo as leis de pureza e impureza de Israel – na salvação. E apesar de o relato ser emoldurado por

¹ Esse aspecto é, linguisticamente falando, chamado de intergenericidade. A forma é de um determinado gênero (exorcismo), mas o conteúdo e a intenção é mais característico de outro gênero (diálogo). Considero importante que, nesses casos, a intenção e o conteúdo predomine sobre a forma. Nesse texto, há um exorcismo, mas não há todos os elementos de um relato de exorcismo, mesmo porque se trata de um exorcismo diferenciado, uma expulsão a distância. Por isso, o diálogo predomina sobre exorcismo, visto que é o núcleo e intenção da perícopete.

um exorcismo, o núcleo da passagem é esse diálogo entre a mulher e Jesus que, a princípio, relutava em lhe outorgar a cura.

Esse relato da mulher cananeia mostra a história de uma mãe determinada a superar tudo quanto lhe fosse desfavorável, ultrapassando todas as barreiras que lhe foram impostas, para alcançar o milagre, a cura para sua filha. Jesus é apresentado, no início da perícopes, fazendo seu êxodo para Tiro e Sidom. Ali foi recepcionado por essa mulher cananeia que, por sua vez, também fez o seu êxodo e lhe saiu ao encontro. Mas quais barreiras essa mulher enfrentou para chegar até Jesus? Ademais, qual era a situação social da mulher na época de Jesus? E por que essa mulher é chamada de cananeia no relato de Mateus? E o que o Evangelista Mateus desejava ensinar para os leitores do seu evangelho ao inserir esse relato em seu texto?

O êxodo de Jesus

O primeiro versículo da perícopes – Mt 15.21-28 – apresenta Jesus indo para uma região que estava fora das fronteiras de Israel, uma viagem longa que Jesus resolveu empreender. O local onde Jesus estava, antes de ir para Tiro e Sidom, era Genesaré (Mt 14.34.), à beira do mar da Galileia. Jesus não entrou nas grandes cidades de Tiro e Sidom, mas entrou em território fenício. O texto informa que Jesus foi para as regiões de Tiro e Sidom e não que foi para a cidade de Tiro e depois para Sidom. Entre essas duas cidades há vários territórios, conforme atesta Flávio Josefo² e várias áreas rurais subordinadas a Tiro, na fronteira com o norte da Galileia.³ Com essa descrição – de um local geográfico entre Tiro e Sidom – provavelmente o narrador quis dizer que a mulher vinha das regiões mais remotas desse país, apesar de não dizer isso explicitamente.⁴ Até porque, o próprio Marcos informa que Jesus não queria ser reconhecido nessa região. Partindo desse dado, não é razoável supor que Jesus tivesse ido para as cidades agitadas de Tiro e Sidom. Mas, ao contrário, teria escolhido um lugarejo longe da agitação urbana, uma área rural dentro de um distrito controlado por Tiro e Sidom. Provavelmente queria descansar, visto que depois da morte de João Batista ele não teve tempo para descanso; também queria um lugar mais tranquilo, pois havia saído de um contexto de conflito que teve com os líderes de Jerusalém; além disso, um lugar reservado era, naquele momento, apropriado para dar uma lição prática aos seus discípulos sobre a impureza anteriormente ensinada.

A mulher era proveniente daquelas regiões e não da cidade de Tiro ou Sidom, o que pode indicar sua pobreza típica de uma camponesa rural.⁵ O local do encontro não é

² JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. Livro Terceiro, Capítulo 4, p. 238.

³ HOEFELMANN, Verner. Superando fronteiras: O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia (Marcos 7,24-30). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis/São Leopoldo, n. 41, 1995, p. 59.

⁴ BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. *Comentario del Nuevo Testamento*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1982. p. 195.

⁵ CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002. p. 408.

informado, mas provavelmente tratava-se de um lugar na região limítrofe entre a Galileia e a região de Tiro e Sidom, na interface do território judeu com o pagão. Ou seja, era um lugar de conflito, tensão e preconceito.⁶ O historiador Josefo declarou: os de Tiro são nossos inimigos implacáveis. Além do conflito étnico, havia o religioso e questões políticas irreconciliáveis.⁷ Ainda assim, a mulher veio ao encontro de Jesus, rompendo todas as barreiras.

O êxodo da mulher cananea

Desde o início do seu ministério na Galileia, a fama do ministério de Jesus logo se espalhou por toda a Síria, Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia, Idumeia, região além do Jordão (Mt 4.24-25) e, inclusive, por Tiro e Sidom (Lc 6.17; Mc 3.8), de modo que o povo vinha para ouvi-lo e ser curado. Segundo Marcos, aquela mulher ouviu falar a respeito de Jesus (Mc 7.25), teve fé e foi até ele. Ela não o conhecia, só ouvira falar dele, mas a sua fé já era tão grande, que ela romperia fronteiras e se arriscaria no desconhecido itinerante de Nazaré. Jesus rompeu fronteiras e fez o seu êxodo para fora de Israel. Mas a mulher cananea fez igualmente seu êxodo, rompendo fronteiras por meio da sua fé e indo até Jesus. Ambos estavam saindo de seus contextos originais rumo ao diferente. Nesse êxodo, a mulher cananea teve que, em primeiro lugar, romper com a fronteira da discriminação de gênero, ou seja, a discriminação que sofria pelo simples fato de ser mulher.

A barreira de gênero e a situação social da mulher nos dias de Jesus

Na Palestina, nos dias de Jesus, a mulher era alvo de enorme discriminação. A mulher não era reconhecida com a mesma importância e honra com que era reconhecido o homem. No judaísmo, por exemplo, as mulheres não tinham seus nomes mencionados em genealogias, salvo algumas exceções. A mulher pertencia ao homem, como lhe pertencia qualquer outro bem. Um ditado rabínico afirmava que todo homem devia agradecer diariamente a Deus por não ter nascido mulher, nem pagão nem escravo.⁸ Havia também outro ditado rabínico altamente preconceituoso que dizia: "*Compra-se a mulher por dinheiro, contrato e relações sexuais. Compra-se um escravo pagão por dinheiro, contrato e tomada de posse. Há então diferença entre a aquisição dum mulher e a dum escravo? – Não!*". Esse ditado representa bem a situação da mulher na época de Jesus: como o escravo, a mulher depende de seu senhor-marido e tem que assumir todas as tarefas; ela não podia nem mesmo aproveitar das rendas do seu trabalho.⁹

⁶ CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *Quando Deus se cala: uma história de fé, persistência e milagre*. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 56.

⁷ CARTER, 2002. p. 408.

⁸ DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 147.

⁹ SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2010. p. 46.

Em público, a mulher quase não tinha vida social. Filo menciona que “Negócios, conselhos, tribunais, procissões festivas, reunião de muitos homens, em suma, toda a vida pública com suas discussões e assuntos, em tempo de paz ou de guerra, é feita para homens”.¹⁰ A vida da mulher não se passava na rua, e só deveria sair de casa se fosse preciso. Ela saía de casa para buscar água na fonte, mas tinha de ser discreta e não podia conversar com homens. Se fosse obrigada a sair de casa, ela devia guardar o anonimato e usar o véu para não ser reconhecida.

O véu era composto de duas partes: uma parte sobre cabeça, cobrindo o cabelo, e a outra em sua frente, cobrindo a face. O véu era para ela não ser reconhecida, isso mostrava que, em público, ela não tinha identidade ou ao menos não devia mostrá-la. Para a mulher, sair sem o véu, era uma ofensa aos costumes antigos e podia dar ocasião para que o marido pedisse o divórcio, sem que ele estivesse obrigado a dar para ela a soma estipulada em contrato matrimonial.¹¹ Por isso, a mulher solteira quase nunca saía de casa e a mulher casada quando saía sempre estava com o rosto coberto para que passasse despercebida.

Era impróprio que um homem falasse com uma mulher na rua. Certo ditado rabínico dizia “não converse muito com uma mulher e isso vale para a tua mulher e mais ainda em relação à mulher do próximo”.¹² Caso ela necessitasse pedir uma informação a um homem, a resposta devia ser dada rapidamente. Fora disso, não se devia dirigir-lhe a palavra, nem olhá-la, nem cumprimentá-la.¹³ Era uma desonra, por exemplo, que um aluno de um escriba ou mestre falasse com uma mulher em público.

O lugar da mulher era no lar, ocupando-se das atividades domésticas e cuidando dos filhos. Tinha a obrigação de moer, cozer, lavar, cozinhar, amamentar os filhos, fazer a cama do seu marido e, às vezes, preparar-lhe a bacia para o marido, lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés.¹⁴ Em suma, mesmo em casa, a mulher também tinha grandes limitações. Desde a infância já havia uma distinção que chegava à vida adulta. Na casa paterna, o lugar das filhas sempre vinha após o dos meninos. Em caso de herança, os filhos homens e seus descendentes tinham prioridade em relação à filha mulher.¹⁵

Juridicamente, a mulher tinha grandes limitações, pois vivia sob a tutela do pai enquanto solteira, ou do marido, quando casada, ou dos filhos, caso fosse viúva. Ela não tinha o direito de dar um testemunho, pois eram consideradas como mentirosas. No casamento, os direitos da mulher também eram limitados, pois não podia impedir que o

¹⁰ JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 475.

¹¹ JEREMIAS, 2010, p. 474.

¹² Sentença de um famoso escriba Yose bem Yohanam de Jerusalém de cerca de 150 a.C. JEREMIAS, 2010, p. 474.

¹³ SAULNIER, 2010, p. 65.

¹⁴ JEREMIAS, 2010, p. 485.

¹⁵ CARVALHO, 2015. p. 43.

homem dividisse a atenção entre ela e outras mulheres que podiam ser esposas ou mesmo concubinas.¹⁶

Na educação, a mulher também não tinha os mesmos privilégios que os homens. A formação que a mulher recebia limitava-se ao aprendizado dos trabalhos domésticos, cozer e tecer. Não havia uma lei explícita que proibia aos pais ensinarem a Lei para suas filhas; no entanto, havia um consenso de que nenhum pai deveria ensinar a Lei para suas filhas, pois havia um ditado o qual dizia: "*aquele que ensina a Torá à sua filha ensina-lhe a prostituição [ela fará mau uso do que aprendeu]*".¹⁷

Na religião, a mulher também tinha direitos limitados. No serviço litúrgico, a mulher somente escutava e não podia, como os homens, ler a *Torá*. Ela não pronunciava a bênção nem mesmo em casa. No templo, as mulheres também não podiam acessar todos os lugares. As mulheres só podiam entrar no pátio reservado aos gentios e no pátio reservado às mulheres. Em todo caso, a mulher vivia numa situação delicada, alvo de enorme preconceito, não apenas no judaísmo, mas em todo o antigo oriente. Será que era essa a visão de Deus em relação às mulheres, tal como se pregava no antigo oriente e também no judaísmo? Era isto que Deus realmente queria?

Por tudo isso e muito mais, a mulher estava numa condição de opressão que se dava na esfera social, cultural, psicológica, jurídica, étnica, religiosa e, como se não bastasse, também espiritual, visto que tinha uma filha oprimida espiritualmente. O seu êxodo consistia no rompimento e superação de todas essas condições para ir ao encontro de Jesus. Pelos princípios culturais, pela lei, pela religião e ainda por outros fatores, o lugar da mulher era em casa, sem arredar o pé de perto de sua filha. Esse era seu dever social. Mas ela precisou, como símbolo das mulheres oprimidas, romper com seu contexto para conquistar fora, em Jesus, a cura para sua filha.

No campo, os costumes podiam ser um pouco mais flexíveis. É provável que, por estar num ambiente mais rural, a mulher cananeia estivesse mais à vontade para se aproximar de Jesus. Mas mesmo ali, num ambiente campesino, era estranho para os costumes antigos que uma mulher sozinha, sem a companhia de um varão, viesse atrás de um grupo de homens clamando por Jesus.¹⁸ Mateus e Marcos, porém, nada falam acerca do estado civil dessa mulher cananeia. Ela é vista em público falando com Jesus e pedindo ajuda por sua filha. A ausência do seu esposo, tanto na ação como no relato, tem levado alguns estudiosos a supor que ela fosse viúva. De qualquer forma, o fato de ser mulher e de estar clamando atrás de um homem mostra que ela se porta de forma reprovável para os padrões culturais de sua época, em virtude do preconceito cultural existente.

¹⁶ JEREMIAS, 2010, p. 486.

¹⁷ JEREMIAS, 2010, p. 490.

¹⁸ CARVALHO, 2014, p. 47.

As demais barreiras superadas pela mulher cananeia

Além da barreira de gênero, a mulher cananeia venceu a barreira geográfica, e fez o seu êxodo ao sair de casa e ir à procura de Jesus. Venceu a fronteira política, visto que havia problemas políticos na divisa entre Israel e a região de Tiro e Sidom. Venceu o conflito econômico entre campo e cidade, sempre presente naquela região rural bastante pobre. Venceu também as barreiras étnicas, visto que as relações entre os habitantes dessa região e a população judaica não eram boas. E como se tudo isso não bastasse, havia ainda a barreira religiosa, pois as leis judaicas consideravam os gentios como pessoas impuras e indignas.¹⁹ Por esse motivo, judeus evitavam comer com os gentios, para não pegar essa impureza de que tinham tanto medo. Em tudo isso, a mulher superou todas as barreiras em seu êxodo ao encontro de Jesus.

O clamor insistente da mulher

Depois de informar sobre a localização da cena, o autor informa sobre como a mulher se aproximou de Jesus clamando insistentemente. Ele diz que *uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horriavelmente endemoninhada* (Mt 15.22). A mulher do relato bíblico é chamada por Mateus de *cananeia*. O termo cananeu era arcaico e pejorativo, pois não havia mais cananeus na época de Jesus. E, apesar de não haver mais cananeus nos tempos de Jesus, a região de Tiro e Sidom era a mesma que os cananeus haviam habitado no passado. Dessa forma, quando algum judeu queria referir-se ao aspecto religioso e pagão dos habitantes daquelas regiões, utilizava o termo *cananeu*, que trazia à lembrança a história do paganismo dos cananeus no passado. Isso era certamente mais um estigma social que repousava sobre aquela mulher, mas que também não a impedia de clamar por sua filha.

O desespero daquela mãe fica evidente em sua ação quando vem gritando reiteradamente atrás de Jesus. O verbo *clamava*, no grego,²⁰ está no imperfeito e não deve ser traduzido por *clamou*, mas sim por *clamava*. O tempo verbal passa a ideia de algo que se passava, ou seja, que não aconteceu uma única vez. Ela vinha clamando ou gritando. Então, se como mulher ela devia manter a discrição em casa, quanto mais escândalo seria para a cultura de seu tempo andar gritando. E mais, gritando atrás de um homem que estava acompanhado de outros. Isso deve ter causado um grande constrangimento aos discípulos.

É de substancial importância não apenas a forma, mas também o conteúdo daquele clamor. Uma mulher gentia, *cananeia* para Mateus e seus leitores, chamava Jesus de Senhor (*Kyrios*) e de Filho de Davi (*huiós David*). Ela demonstra uma confiança inigualável em Jesus e o chama de Senhor, reconhecia seu senhorio. Além de Senhor, ela o

¹⁹ CARVALHO, 2014, p. 13.

²⁰ No grego, o termo é *ἐκραζεν*.

chamou de *Filho de Davi*, o que revela inúmeras verdades sobre a fé daquela mulher em Jesus. O termo Filho de Davi²¹ tinha por detrás de si uma longa tradição no Antigo Testamento. Mas como era possível que uma não-judia utilizasse um título judaico para Jesus?

O evangelista Marcos informa que ela tinha ouvido falar de Jesus. E outros relatos informam que os feitos de Jesus já tinham sido divulgados em Tiro e Sidom (Lc 6.17; Mc 3.8). Em todo caso, não é possível identificar qual nível de conhecimento ela tinha sobre o título que ela usava, mas é importante observar que, além de conhecer o termo, ela apropriou-se da esperança que girava em torno desse título. Segundo, é interessante observar qual era sua expectativa em relação ao Filho de Davi, diferentemente da concepção judaica. Pois enquanto que para os judeus, para os essênios e até para os discípulos de Jesus, o título assumia conotação política, a mulher cananeaia ao chamar Jesus de Filho de Davi, não lhe pediu nenhum favor político. Não lhe pediu privilégios em seu reino, mas pediu misericórdia, pois ela acreditava que ele podia expulsar o demônio de sua filha. Logo, ela não atribuiu ao título uma conotação política. Enquanto as aspirações de Israel quanto ao Messias estavam fundamentadas em projetos meramente humanos, a mulher, por sua vez, tinha aspirações de ver o Reino do Filho de Davi destronar os demônios, a começar pelo que oprimia sua filha. Ela não queria a glória da realeza política, queria o senhorio de Jesus em seu lar, expulsando o demônio de sua filha.

O silêncio de Jesus

Mesmo após essa bela confissão de fé feita pela mulher, Jesus, *porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós* (Mt 15.23). O Jesus descrito nos evangelhos sempre atendia prontamente às pessoas necessitadas que lhe procuravam para pedir uma cura. Mas, curiosamente, nesse ponto o relato é iniciado pela expressão “*mas*”, o que marca o início de uma série de ações marcadas aparentemente (não realmente!) pela insensibilidade, exclusividade e descortesia de Jesus.

Além das fronteiras humanas que já haviam sido superadas pela mulher, por último, agora até o próprio Jesus parecia estar contra ela. É verdade que Jesus não respondeu nenhuma palavra à mulher, *mas também não a mandou embora. Ele a estava privando de uma resposta, mas não a privaria de sua presença*. Em todo caso, o silêncio de Jesus não a convenceu de que deveria ir embora, mas que deveria ficar, pois, certamente, seria atendida. O psicólogo suíço Paul Tournier escreveu: “*a resposta de Deus não é uma ideia, uma proposição como a conclusão de um teorema; ele próprio é a resposta*”.²²

²¹ υἱὸς Δαυὶδ (*huios David*).

²² WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo Antigo Testamento*. v. III – Poéticos v. 1. Santo André: Geográfica, 2010. p. 76.

O silêncio de Jesus não foi suficiente para calar a mulher. Parece que ela continuava clamando sem parar. Essa interpretação é possível através da palavra dos discípulos: ela *vem clamando* atrás de nós. Na frase dos discípulos, o verbo *clamar* está novamente no imperfeito, o que significa dizer que a mulher estava praticando uma ação contínua, sem parar. Os discípulos, ao contrário de Jesus, estavam incomodados com a presença da mulher clamando perto deles. O incômodo deles foi tão grande que não conseguiram suportar o silêncio de Jesus e pediram a ele: “Manda-a embora, pois vem gritando atrás de nós”.

A indiferença dos discípulos

Para um homem, ser visto falando com uma mulher era desonroso. No caso dessa mulher *cananeia*, o preconceito era dobrado. Primeiro, por ser mulher, segundo, por ser gentia. Os discípulos de Jesus, como judeus e frutos do contexto ideológico e patriarcal de seu tempo, também não pensavam diferente. Então, quando Jesus não respondeu ao apelo da mulher, mas ficou calado, ele estava, sem dúvida agindo de maneira apropriada ao pensamento e ao costume de seu tempo.²³

Assim, quando os discípulos viram Jesus ignorar os gritos desesperados da mulher, pareceu-lhes que Jesus endossava a compreensão preconceituosa acerca das mulheres com a qual eles se sentiam confortáveis. Provavelmente por isso, eles se aproximam e se sentem confiantes para propor o seguinte a Jesus: *Despede-a, pois vem clamando atrás de nós* (Mt 15.23, ARA). Está implícito na frase dos discípulos que Jesus não teria tempo para a gritaria daquela mulher. Por isso, traduziram em voz alta o que pensaram que traduziria perfeitamente o significado do silêncio de Jesus e disseram: *manda-a embora*.

A exclusividade de Jesus

Ao pedido dos discípulos, Jesus respondeu “*Eu fui enviado apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mt 15.24). Este é o versículo acerca do qual os intérpretes mais divergem. Alguns propõem que Jesus estava simplesmente pondo a mulher à prova. Mas, ou Jesus estava falando a verdade – e de fato ele tinha vindo apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel –, ou Jesus estava blefando, afirmando uma frase que não era verdadeira apenas para pôr a mulher à prova. No entanto, afirmar que Jesus estava provando a mulher ou fazendo-a crescer através de uma afirmativa que não era genuína, ou que era apenas um blefe é, como já disse, dizer que Jesus teria afirmado algo que no fundo ele mesmo sabia que não era verdade. O que considero improvável. Dessa forma, a

²³ BAILEY, Kenneth E. *Jesus Through Middle Eastern Eyes: Cultural studies in the Gospels*. Downers Grove: IVP, 2007. p. 221. Tradução do autor.

explicação simplista de dizer que Jesus estava apenas testando a mulher, e que sua frase não era verdadeira, resolve um pequeno problema e cria outro ainda maior.²⁴

O significado da resposta de Jesus e o esclarecimento dessas perguntas devem emergir da análise integral do evangelho de Mateus e de sua teologia. Mateus escreveu seu evangelho para uma comunidade judaica e, por isso é o evangelho que mais cita o Antigo Testamento. Todas as passagens que Mateus cita do Antigo Testamento são, para ele, profecias que se cumpriram em Cristo, em seu ministério ou através dele. Em todo caso, todas as evidências apontam para o fato de que Jesus tinha os judeus como alvo prioritário de sua missão. Pois para Jesus, os milagres que ele realizava não eram apenas um simples ato de misericórdia, mas também prova da autoridade de sua doutrina. Assim, realizar um milagre naquela ocasião em benefício de uma pagã podia representar como que um compromisso de evangelizar desde logo os pagãos, missão que estava reservada para os apóstolos. Por isso, ele não apenas ficou em silêncio, mas também disse: *fui enviado apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel*.²⁵ Esse tema é também recorrente nos profetas, especialmente nos profetas literários.²⁶ Pois nos profetas há a previsão de que Israel seria bênção para as nações. Todas as nações deveriam ser abençoadas através de Israel (Is 43.10). Por meio desse povo, a salvação chegaria aos outros povos.

Segundo Mateus, Jesus estava pronunciando a verdade. Seu ministério estava concentrado apenas aos judeus. Não seria Jesus quem sairia à Ásia, ou ao Egito ou à Grécia ou à Roma. Não, pois o seu ministério era para as ovelhas perdidas da casa de Israel. E as ovelhas perdidas, por Ele alcançadas, os seus discípulos, posteriormente, seriam os responsáveis por ir aos gentios.²⁷

A persistência da mulher cananeia

A mulher continuava surpreendendo. Não fora barrada pelo silêncio de Jesus, nem pela rejeição e preconceito dos discípulos, muito menos pela palavra aparentemente “particularista” proferida por Jesus de que tinha vindo “*apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel*”. A partir de agora, empreende uma ação incrivelmente surpreendente: ***Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!*** (Mt 15.25). O silêncio de Jesus, as palavras dos discípulos e ainda as palavras “exclusivistas” de Jesus poderiam ter sido motivos para que ela se afastasse. Mas a fé dela transformou esses motivos em convite para aproximar-se dele. O que ela não havia conseguido em pé, clamando à distância, ela conseguiria de joelhos, pedindo por socorro aos seus pés. Depois de aproximar-se de

²⁴ CARVALHO, 2014, p. 111.

²⁵ MASSON, Alceu. *O Filho de Deus: os quatro evangelhos numa só narração*. São Paulo: Paulinas, 1960. p. 175.

²⁶ Esse termo é utilizado para referir-se aos profetas que viveram a partir do século VIII a.C. e dos quais temos livros escritos. Ao contrário, os profetas pré-literários são profetas que vieram em período anterior e não deixaram livros escritos, como Elias, Eliseu, Natã, Aías de Silo e outros.

²⁷ CARVALHO, 2014, p. 123.

Jesus, aquela mulher lançou-se aos seus pés numa atitude de humildade, reverência, submissão e desespero. Algumas versões traduzem o termo grego “*proskuneō*” por “adorar”. O termo pode significar isso, mas, além disso, também significa “prestar homenagem a”, “prostrar-se” e “fazer reverência”.²⁸

O Pão dos filhos

A mulher cananea estava aos pés de Jesus e sua resposta a ela foi: *Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos* (Mt 15.26). A linguagem que Jesus usa é muito forte. Cachorros, na cultura tradicional do Oriente Médio (para judeus e não judeus), são tão desprezados quanto porcos. Porcos são piores, mas apenas um pouco mais. Cachorros nunca são animais de estimação.²⁹ Mas, ao mesmo tempo, aquela linguagem continha uma imagem muito rica e a mulher rapidamente dela se apropriou. A afirmação de Jesus de que *não é correto tirar o pão da mesa dos filhos para lançar aos cachorrinhos* (Mt 15.26) refletia um costume oriental de não lançar comida ou pão aos cachorros.

No entanto, ainda não se pode dizer apressadamente que Jesus teria chamado a mulher de cadela e atribuído todo o significado pejorativo envolvido nesse termo. O termo grego utilizado por Jesus (κυνάρϊος³⁰) vem de *kynarion*, que em grego é o diminutivo do termo *kyōn*, que significa cão. O termo no diminutivo pode fazer alusão ao filhote ou cachorrinho de casa, enquanto o termo sem o diminutivo é o cão, como era desprezado, odiado e temido no Oriente.³¹ A aparente linguagem áspera de Jesus carregava um toque de delicadeza. Em sua resposta, Jesus não usou o termo *cão*, como faziam os fariseus para tratar etnicamente os gentios com preconceito. Além disso, ainda que não seja possível argumentar muito acerca da tonalidade da voz usada por Jesus, é possível afirmar, com base nos dados dos evangelhos, especialmente no evangelho de Mateus, que Jesus não usou o termo com o preconceito nacionalista. Jesus não via o verdadeiro Israel pelo prisma nacionalista. A prova disso é que Jesus já havia curado gentios anteriormente.

É mais provável que, a essa altura, mediante a persistência da mulher, ele continuasse apresentando a verdade da prioridade das ovelhas perdidas da casa de Israel, mas com um tom sereno e gentil, de alguma forma, deixando entreaberta a porta para os gentios e uma brecha para aquela mulher cananea que não sairia dali deixando escapar essa ponta de esperança dada pelo Mestre.

²⁸ SCHÖNWEISS, H.; BROWN, B. προσκύνεω. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2. p. 1455.

²⁹ BAILEY, 2007, p. 224. Tradução do autor.

³⁰ NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1999.

³¹ TAYLOR, W. C. *Dicionário do NT Grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. p. 124.

O êxito da mulher cananeia

Vários motivos já tinham sido dados a ela para que desistisse. Primeiro, Jesus se calou diante do seu clamor. Segundo, os discípulos mostraram seu desconforto e preconceito por verem a mulher clamando por Jesus e pediram para Jesus despedi-la. Terceiro, Jesus derramou o que poderia ter sido um balde de água fria sobre ela ao dizer que tinha vindo apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel. Ainda assim, isso não foi suficiente para apagar o fervor daquela fé que, em contraste, jogou-se aos seus pés e derramou neles lágrimas aquecidas, adoração e mais um clamor: Senhor, ajuda-me. Como se não bastasse, em quarto lugar, após esse clamor, Jesus disse a ela que não podia deixar de alimentar os filhos para alimentar os cachorrinhos. A tudo isso, a mulher replicou: *Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos* (Mt 15.27).

A humildade da mulher cananeia

É importante destacar que atitude de inconformismo da mulher não foi uma teimosia arrogante, como se não aceitasse imperativamente a condição imposta por Jesus. Não, pelo contrário, ela era persistente, mas permanecia humilde. Era a persistência que não perdia a calma. O *“Sim, Senhor...”* da mulher tinha o seguinte sentido: “eu aceito a condição que o Senhor atribuiu a mim. Eu não a contesto. Quem sou eu para contestar. Tu és o Senhor. Sim, o que o Senhor falou, eu aceito”. A mulher não contesta a missão de Jesus às ovelhas perdidas da casa de Israel. A sua humildade consiste no fato de que ela “estava disposta a receber a ajuda de Jesus independente de qual pudesse ser a atitude dele para com os estrangeiros”.³²

A inteligência da mulher cananeia

A dificuldade da mulher e seu desespero não lhe embaçaram os sentidos. Ela demonstrou muita sensibilidade e uma inteligência perspicaz. Ela percebeu que a imagem utilizada por Jesus deixava entreaberta a porta da graça para ela. E sua inteligência consistiu em perceber os detalhes daquela imagem que Jesus havia desenhado com suas palavras e acrescentar outros detalhes a seu favor. Carson coloca a questão da seguinte forma: “ela não formula sua resposta como um contragolpe, mas como profunda concordância com as implicações adicionais de ‘cachorrinhos’”.³³ Na metáfora de Jesus, os filhos estão comendo à mesa junto com o pai e Jesus disse que não está certo tirar o pão de direito dos filhos e lançá-los aos cachorrinhos. Nessa imagem, pegar um pão ou tomá-lo das mãos dos filhos e jogar aos cachorrinhos é inadequado. Era algo que um judeu, entendendo a sacralidade do alimento familiar, jamais faria. A resposta da mulher é

³² LAYMON, Charles M. *The Interpreter's One-Volume Commentary on the Bible: Introduction and Commentary for each Book of the Bible including the Apocrypha, with general articles*. Nashville: Abingdon Press, 1971. p. 443. Tradução do autor.

³³ CARSON, Donald A. *O comentário de Mateus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010. p. 417.

brilhante, pois ela aceita a metáfora, e também a amplia³⁴ inserindo dois elementos: os cachorrinhos debaixo da mesa e as migalhas.

O otimismo, esperança e modéstia da mulher da mulher cananea

O otimismo daquela mulher não pode passar despercebido. Ela transformou a aparente palavra de desprezo de Jesus em uma palavra a seu favor. Não permitiu que aquela palavra a afastasse dele, mas a utilizou para se aproximar ainda mais. A mulher retomou rapidamente a imagem da resposta de Jesus e viu nela uma esperança de milagre. Antes, Jesus nem sequer havia pronunciado uma palavra para ela. E depois disse ter vindo apenas para as ovelhas perdidas de Israel. Agora, Jesus já estava usando uma imagem na qual contemplava os gentios. Sua esperança era tão grande que conseguia extrair até de uma palavra de aparente rejeição uma abertura para conquistar sua vitória. Ela considerava que apenas uma pequenina migalha da sua graça, menor que uma azeitona, fosse suficiente para livrar sua filha do grande mal.

A fé da mulher da mulher cananea

Apesar de tudo o que já foi apresentado, como sendo contrário à mulher cananea, ela triunfou por causa de sua grande fé. Com essa atitude, a mulher não mostrava apenas persistência, humildade, inteligência, esperança, otimismo e modéstia. Ela também mostrava fé, pois além de colocar os cachorrinhos debaixo da mesa e de inserir a figura da migalha, ela também acreditava numa mesa farta que sobejava. Além do que, ela também acreditava que não era uma cachorrinha sem dona.

Considerando que ela já se apropriou do termo cachorrinha quando disse “*Sim, Senhor*”, agora ela está dizendo: “*sou cachorrinha, mas não sou uma cachorrinha no lixão. Não sou uma cachorrinha que está na rua. Enfim, sou uma cachorrinha e estou de joelhos debaixo da mesa. Conheço os cachorrinhos que acessam a casa e se alimentam das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Considerando que eu sou essa cachorrinha, e que o senhor armou sua mesa aqui, e que eu estou debaixo dela, quero apenas uma migalha da tua graça, sem que os teus filhos sejam negligenciados por minha causa*”.

Enquanto isso acontece, os discípulos estão, provavelmente, assistindo e ouvindo. De fato, nem mesmo em todo o Israel eles tinham visto ou ouvido algo semelhante, com essa confiança total na pessoa de Jesus, apesar de suas palavras duras. A resposta dela é um golpe mortal no preconceito cuidadosamente alimentado contra mulheres e gentios. Um novo paradigma de quem Deus é e para quem ele estende seu amor (através de Jesus) lutaria para nascer como resultado desta cena dramática. No processo, a fé da mulher se

³⁴ CAMERY-HOGGATT, Jerry. Marcos. In: ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 233.

tornou inesquecível e é, como a fé da mulher que ungiu Jesus na casa de Simão o leproso (Mc 14.3-9), anunciada onde quer que o evangelho seja pregado.

A atitude da mulher alcançou o ápice e ganhou duas coisas: primeiro, um elogio de Jesus com relação à sua fé e, em segundo lugar, ganhou o seu milagre. A mulher, segundo Martinho Lutero,³⁵ foi recompensada por sua grande fé. Ela creu confiantemente que Cristo podia e queria produzir esse efeito; desta forma, ela conseguiu. Caso ela não cresse, jamais teria obtido isso.

Conclusão

Ou seja, todos esses obstáculos apenas a motivaram e levaram-na a persistir. Ela superou todas as barreiras e foi até Jesus, confessando sua fé nele e implorando por um milagre. Ela suportou o silêncio de Jesus, o preconceito dos seus discípulos, uma palavra particularista de Jesus e, mesmo assim, o adorou incondicionalmente. De joelhos, ela demonstrou fé e debateu com Jesus de maneira sábia e inteligente, “vencendo-o” (convertendo-o?) com seus argumentos e conquistando, por fim, a sua vitória.

Além da cura conquistada pela mulher, o episódio deu a Jesus a oportunidade de mostrar algo novo acerca de seu ministério, abrindo ainda mais a porta da graça aos gentios. Mateus incorporou esse relato em seu evangelho para combater o orgulho judaico e o preconceito em relação aos gentios. Pois a boa nova de Jesus se destinava também para os gentios. Assim, esse relato bíblico passou a ressignificar o lugar dos gentios dentro da comunidade cristã, dando igualmente um novo lugar para a mulher na comunidade da fé. Pois para participar do Reino de Deus não existem condições raciais, étnicas, políticas, sociais, econômicas, religiosas ou de gênero. O único critério de justificação é a fé. Como disse Paulo: “é evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé [...] Pois todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus” (Gl 3.11,26). Logo, na comunidade de fé “não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.28).

Referências

BAILEY, Kenneth E. *Jesus Through Middle Eastern Eyes: Cultural studies in the Gospels*. Downers Grove: IVP, 2007.

BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. *Comentario del Nuevo Testamento*. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 1982.

CAMERY-HOGGATT, Jerry. Marcos. In: ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal*. Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

³⁵ LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v.1: Os primórdios – Escritos de 1517 a 1519. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004. p. 211.

- CARSON, Donald A. *O comentário de Mateus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.
- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *Quando Deus se cala: uma história de fé, persistência e milagre*. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- HOEFELMANN, Verner. Superando fronteiras: O encontro de Jesus com a mulher siro-fenícia (Marcos 7,24-30). *Estudos Bíblicos, Petrópolis/São Leopoldo*, n. 41, 1995.
- JEREMIAS, Joachim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.
- JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- LAYMON, Charles M. *The Interpreter's One-Volume Commentary on the Bible: Introduction and Commentary for each Book of the Bible including the Apocrypha, with general articles*. Nashville: Abingdon Press, 1971.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas*. v.1: Os primórdios – Escritos de 1517 a 1519. 2 ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2004.
- MASSON, Alceu. *O Filho de Deus: os quatro evangelhos numa só narração*. São Paulo: Paulinas, 1960.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1999.
- SAULNIER, Christiane; ROLLAND, Bernard. *A Palestina no tempo de Jesus*. 8. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- SCHÖNWEISS, H.; BROWN, B. προσκύνεω. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 2.
- TAYLOR, W. C. *Dicionário do NT Grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.
- WIERSBE, Warren W. *Comentário Bíblico Expositivo Antigo Testamento*. v. III – Poéticos v. 1. Santo André: Geográfica, 2010.